

LA CADENA, Marisol de; BLASER, Mario. *A world of many worlds.* Durham e London: Duke University Press, 2018.

Potyguara Alencar dos Santos

Pesquisador PNPD/Capes do Programa de Pós-Graduação em Antropologia
da Universidade Federal do Piauí (PPGANT/UFPI)
E-mail: potyguara.alencar@gmail.com.

A World of Many Worlds é uma aproximação de seis escritos da literatura antropológica contemporânea que ocorre sob às urgências reflexivas de dois eventos: os sinais estertorados pelo Antropoceno – essa guerra sub-repticiamente declarada da espécie contra si mesma, como afirmam Viveiros de Castro e Danowski no último texto da coletânea – e a perspectiva de uma indagação e abordagem sobre suas evidências. *Mundos e pluriverso* são as entradas que tentam elidir os projetos reunidos pelo livro, que também se conformam à proposição maior lançada pelos organizadores: pensar “mundos heterogêneos que caminham juntos como uma ecologia política das práticas, negociando suas dificuldades em conviverem a partir dessa mesma heterogeneidade” (DE LA CADENA; BLASSER, 2018, p. 4).

Longe de apresentar somente um outro elogio ao predicado da diversidade e do seu proveito pela antropologia, o que se inaugura na coletânea é um contraponto às leituras terminantes que antecipam suas “narrativas do fim” ante os esforços em pensar formas de convivência entre os mundos, suas ontologias e suas cosmopolíticas constitutivas.

Embora a experiência refletida da etnografia se manifeste ao longo dos artigos, como na contribuição de Hellen Verran sobre as interações epistêmicas entre a matemática e a etnomatemática nas escolas aborígenes do norte da Austrália, ou no texto de John Law e Marianne Lien, sobre o manejo conceitual e técnico da natureza envolvido nas práticas criatórias do salmão nas fazendas piscicultoras norueguesas, a tônica da coletânea não torna sobressalente o produto etnográfico sistematizado como dado principal. Como anseia o programa mais amplo do livro – à maneira como é comunicado pelos organizadores na sua introdução –, a proposta é dar exploração a termos conceituais advindos da qualidade sensível (empírica e ôntica) e conceituante da etnografia e das suas “chaves entre mundos” que considerem as tentativas em toda parte produzidas, seja pela expressão de maneiras mais mecânicas ou mais espontâneas de aproximar e fazer conviver experiências alternas de mundos.

Por esse interesse sobre as condições diversas e, por vezes, antitéticas que possibilitam a convivência, as contribuições dos autores reincidem em termos que inspiram “liame”, “amálgama”, “negociação” e “acordo”: assim ocorre com a contribuição de Marylin Strathern,

em *Opening Up Relations*, e o seu investimento analítico na relacionalidade envolvida nos contatos entre domínios de conhecimento pela aproximação e pela divergência; também ganha forma na ideia de uma “diplomacia entre mundos” explorada por Isabelle Stengers, em *The Challenge of Ontological Politics*, quando investiga os limites de uma “ontologia política” que dê conta de reconhecer pluriversos pelas suas convivências e mútuas participações; pontua, da mesma forma, a imagística de valor heurístico da “teia de aranha” trazida por Alberto Corsín Jiménez, em *Spiderweb Anthropologies*, quando trata das “armadilhas” (nas ecologias e na própria arte escriturária do etnógrafo) que, fatalmente, apreendem e apresam o próprio produtor na sua obra.

Há uma ambivalência adequada disposta ao longo de todos os escritos e, claro, no seu projeto maior: ao passo que questionam as fórmulas que tentam ordenar a realidade pelos primados da unicidade das experiências e do extrativismo como uma força que torna o mundo uma unidade em digestão produtiva padronizada, também investigam os modos alternativos e necessários de “aproximar as ontologias”, de direcionar a própria etnografia às composições que manifestam os pluriversos. A ideia de conhecimento é, por exemplo, reportada por inúmeras vozes autorais, direta e indiretamente, como um domínio que só se realiza em suas “individualidades” manifestas na medida que negociam ideias entre si, na proporção que suas partes aceitam abrir espaços relacionais. De sua parte, a etnografia, em sua rotina prático-teórica essencial, seria a intervenção que reconhece os conceitos emergentes dos contatos entre mundos, esses termos que, segundo a afirmação de Isabelle Stengers (2018, p. 884), são como meios “para negociar as frágeis fronteiras do multiverso”. Para essa autora, a ontologia política seria, antes de tudo, o lugar através do qual “os mundos falam”, expressam-se como multivocalidades, e assim o fazem para além de uma “situação de isonomia”; essa qualidade que está mais para a concepção estritamente política de realidade, do que para a manifestação ontológica dos mundos.

Como fecho argumentativo do livro – considerando a existência de uma interação escalar e coerente entre as diversas contribuições –, Eduardo Viveiros de Castro e Déborah Danowski vêm lembrar que os declives ambientais e sociais do Antropoceno potencializam as experiências antecipadas e reais do fim, acentuando cada vez mais as linhas de co-dependência que unificam (sem aplinar) as bases sobre as quais crescem as várias experiências de mundos. A perspectiva do pluriverso é indiretamente reavida nesse artigo pela própria evidência contingencial do efeito catastrófico, esse operado sob o efeito trágico em que os “invasores são (também) os invadidos, os colonizadores são (também) os colonizados” (VIVEIROS DE CASTRO; DANOWSKI, 2018, p. 194).

Mirada sua forma integral, e sabendo o histórico das colaborações que a geraram, a coletânea nos apresenta o produto de um esforço que poderia ser espelhar para outras publicações do mesmo gênero: ali, os textos são como resultados de contatos de perspectivas que foram se adensando entre encontros de companheiros de reflexão ao longo de tempos bem aproveitados, qualitativamente produtivos, o que acabou imprimindo na obra um conteúdo heterogêneo mas ainda dialogante entre as evoluções da suas folhas e argumentos. De um modo geral, *A World of Many Worlds* nos faz lembrar um gesto de ralento e apuração das ideias que o produtivismo acadêmico fatalmente engolfa no nosso dia a dia. Dessa forma, ele também cede recordação ao fato de que um livro, esse pluriverso transportável, essa teia-de-aranha que é feita para os outros, mas que antes tem que nos enredar – como pontua Alberto Corsín Jiménez –, deve ser sempre resultado de uma duração que desacelera os mundos da vida (inclusive os nossos, dos autores) para clarear suas intensidades.